

A Nudez da Linguagem

Quando, na literatura, lê-se “eu falo”, entenda-se que “eu é um outro”: é, antes, o fazer que revela os afetos que incidem, a todo tempo, nas constituições das subjetividades. A literatura se caracteriza pelos atos de desdobrar-se que lhe permitem referir-se a si mesma sem nunca constituir uma interioridade, e sim um trânsito para o fora.

O texto é o lugar de uma perda, de um *fading* do sujeito, produção livre e efêmera de sentidos provisórios, lugar de prazer, de significância: “Que é a significância? É o sentido *enquanto produzido sensualmente*.” (MOISÉS: 2005, p. 51).

Para Foucault a literatura moderna tem como seu principal agente a afirmação “eu falo”. Há aqui uma evidência de que o enunciado e a enunciação coincidem, pois ao falar “eu falo” estou dizendo também “eu digo que eu falo”. Não há como negar ou discutir que estou dizendo algo verdadeiro: é verdade que eu falo quando digo que falo. O que se vê aqui é uma afirmação se ajustando a si mesma, não ultrapassando nenhuma margem.

Foucault chama a atenção para o sentido que essa clareza do “eu falo” acarreta: quando o “eu” se cala, o discurso do eu se apaga. Uma fresta se abre então para que a linguagem se refaça a partir da forma despojada do “falo”. É nesse vazio aí instalado que a linguagem encontra a saída para se expandir. Porém ela agora se expande já enquanto linguagem-sujeito, liberta de um sujeito exterior a ela. Desse modo a linguagem perde a transitividade, não é mais comunicação de um sentido, não é mais a linguagem em sua positividade, pois ela se afasta de um sistema de representação que se apoiava em um sujeito exterior a ela e que enunciava verdades. O que se tem doravante é a linguagem em seu ser bruto, pura exterioridade manifesta.

Não se deve entretanto acreditar que a literatura – caracterizada por um redobramento que lhe permite designar-se a si mesma – encontraria aqui um meio de se interiorizar ao extremo. O acontecimento que fez nascer aquilo que, no sentido estrito, se entende por literatura, apenas em uma abordagem superficial é

da ordem da interiorização. Antes, trata-se muito mais de uma passagem para fora. A linguagem escapa ao modo de ser do discurso, quer dizer, à dinastia da representação, e o discurso literário se desenvolve a partir dele mesmo.

A literatura não é a linguagem se aproximando de si até o ponto de sua ardente manifestação, é a linguagem se colocando o mais longe possível dela mesma; e se nessa colocação “fora de si” ela desvela seu ser próprio, essa súbita clareza revela mais um afastamento do que uma retração, mais uma dispersão do que um retorno dos signos sobre eles mesmos. (FOUCAULT: 2006, p. 221).

Enquanto o *eu penso* conduzia à certeza indubitável do eu e sua existência, conduzia à mais profunda interioridade, o *eu falo* nos conduz para a literatura, a esse exterior onde desaparece o sujeito que fala.

Pensar o ser da linguagem é necessariamente aceitar a dissolução do sujeito, o que não significa, como se poderia crer, que o pensamento e a própria filosofia se tornariam então inviáveis. Ocorre que um novo modo de pensar também aqui se legitima, em oposição a uma filosofia que sempre foi mediada e dissolvida por uma interioridade, seja da alma, da consciência, da essência ou do conceito. Foucault imagina que esse temor talvez explique o adiamento da reflexão ocidental em pensar o ser da linguagem, a experiência nua da linguagem, adiamento causado pelo pressentimento do perigo que tal reflexão representaria para a evidência do *Eu sou*.

O que é estabelecido, com este novo modo de pensar, é um fazer literário que pressupõe uma experiência com o fora, uma outra configuração da literatura que não se sustenta mais na segurança do *cogito ergo sum*, na interioridade de um sujeito, mas no movimento da palavra que se dobra sobre si, em direção ao fora, afastando-se do sujeito que fala. A abertura para uma linguagem da qual o sujeito é excluído faz configurar um *outro modo de pensar*, que Foucault denominou o *pensamento do fora*. Pensar torna-se um abrir-se, na relação com o *fora*, às forças, ao jogo, ao acaso. É nesse sentido que se reconhece Nietzsche, Blanchot, Foucault, Deleuze e outros como pensadores ou escritores do *fora*. Estas escritas, quando expostas às entreforças do *fora*, expressam uma nova imagem do pensamento, o pensamento do *fora*, o pensamento como intensidade.

O Fora é o conjunto das forças diferenciais que organizam as individuações, os campos do Saber e atuam na ruína do sujeito, ou na constituição da subjetividade. (...) A experiência do Fora circunscreve-se no campo das modalidades intensivas, da errância, da deriva, do indeterminado, do excessivo, da perda etc. (BRUNO: 2008, p. 121).

Foucault aponta para indícios dessa linguagem, que se dobra sobre si em direção ao fora, já no fim da Idade Clássica, nos monólogos repetitivos nos quais Sade faz falar o *desejo no discurso*, e na poesia de Hölderlin que descobre a *ausência de Deus* na falha de uma linguagem em vias de se perder. Experiências de escrita ultrapassando seus próprios limites reaparecem na segunda metade do século XIX, com Nietzsche.

O mesmo teórico faz a relação entre toda a metafísica do ocidente e aqueles que sustentam o discurso, que detêm a fala: Mallarmé, que no movimento da linguagem faz desaparecer aquele que fala; Artaud, cuja linguagem se solta na violência do corpo e do grito, e cujo pensamento se torna energia material e dilaceramento do próprio sujeito; Bataille, no pensamento enquanto discurso da transgressão e do limite ao invés do discurso da contradição; Klossowski, com a experiência do duplo, da exterioridade, dos simulacros; e Blanchot, identificado por Foucault não somente enquanto “uma das testemunhas” deste pensamento (como os autores que acabam de ser citados), mas enquanto sendo ele “de preferência para nós esse pensamento mesmo – a presença real, absolutamente longínqua, cintilante, invisível, o destino necessário, a lei inevitável, o vigor calmo, infinito, avaliado por esse mesmo pensamento.” (FOUCAULT: 2006, p. 224).

O espaço da literatura, para Blanchot, é o lugar do exílio, da errância, do fora, espaço em que o ficcional aparece exigindo a destruição, a negação da palavra, um direito à morte, o desaparecimento das suas funções de representar o objeto e, ao mesmo tempo, a afirmação de uma "escrita do nada", não a de um nada absoluto, mas o nada compreendido como aquilo que faz com que a linguagem se coloque". o mais longe possível dela mesma", revelando".mais uma dispersão do que um retorno dos signos sobre eles mesmos." (FOUCAULT, op. cit. p.221). Trata-se de uma "alteridade radical" relativa a uma exterioridade. Segundo afirma Karl Erik Schollhammer:

Para Blanchot (...) a escrita literária só é possível como uma exterioridade radical, uma escrita fora do discurso e fora da linguagem (...) A autêntica literatura emerge apenas na escrita do nada, que pertence ao espaço ou ao 'entre-tempo' de nem isso nem aquilo, do neutro (*le neutre*), da diferença em si. Seu verdadeiro alvo é a impossibilidade, algo irreduzível, não produtivo, inominável, que Blanchot denomina 'o fora', a exterioridade radical, a outra noite, o neutro e o desastre." (SCHOLLHAMMER: 2004, p.123).

A linguagem, expandida então enquanto *experiência nua* da linguagem, e tomando o caminho para o exterior, em direção ao *fora*, torna-se capaz de permitir à *desrazão* (um dos *outros modos de pensar*) encontrar sua saída:

Eu tenho muito mal (sic) pensamento
Mas não sou eu que faço mal (sic) pensamento
Eu não sei quem é
Mas não sou eu que faço mal (sic) pensamento
(PATROCÍNIO: 2001, p. 132).